

Artigo recebido em
24/04/2015
Aprovado em
26/08/2015

O jornalismo internacional entre mudanças e permanências

LUCIANE FASSARERLLA
AGNEZ

luagnez@gmail.com

Centro Universitário IESB –
Instituto de Educação Superior
de Brasília

Doutora em Comunicação pela
UNB e mestre em Estudos da
Mídia pela UFRN. Professora
de Jornalismo e coordenadora
da Pós-graduação em
Assessoria em Comunicação
Pública do Centro Universitário
IESB.

Luciane Fassarerlla Agnez

Resumo

O jornalismo internacional vive um momento de tensão provocado por transformações que abrangem questões tecnológicas, relacionadas à economia das organizações midiáticas e ao cenário das relações internacionais e dos perfis de cobertura. Pesquisas em países pioneiros neste tipo de noticiário, como Estados Unidos e Inglaterra, mostram uma redução no espaço e no número de profissionais ligados ao setor. No Brasil, também são crescentes as críticas à redução do noticiário internacional e à qualidade dessa cobertura. Tudo isso num cenário de globalização e de interdependência entre as nações, quando a noção de cosmopolitismo e de interesse pelo “outro” são fundamentais. Diante disso, o presente artigo analisa as editorias de internacional da *Folha de S. Paulo* e de *O Estado de S. Paulo* num intervalo de 20 anos (1993 e 2013), procurando descrever e discutir possíveis mudanças ou permanências no que diz respeito às formas de cobertura, à noticiabilidade, à extensão, às abordagens e às fontes de informação mais recorrentes.

Palavras-chave

Jornalismo internacional, Noticiabilidade, Análise de conteúdo.

Abstract

The international journalism is experiencing a period of tension caused by changes covering technological issues, related to the economy of media organizations and the scenario of international relations and cover profiles. Research in pioneering countries in this type of news, such as the United States and England, show a reduction in space and number of professionals linked to the sector. In Brazil the criticism of the reduction of international news and the quality of that coverage is growing. All this against a backdrop of globalization and interdependence among nations, when the notion of cosmopolitanism and interest in the “other” are essential. Therefore, this article analyzes the section of international news of the *Folha de S. Paulo* and *O Estado de S. Paulo*, in a 20 years apart (1993 and 2013), to describe and discuss possible changes or continuities with regard to forms coverage, newsworthiness, approaches, thematic and most recurring sources of information.

Keywords

International journalism, Newsworthiness, Content analysis.

O jornalismo internacional, que desde o século XVII se apresenta como alternativa para se obter informações de outras partes do mundo, contou com a evolução tecnológica para acelerar, facilitar e modificar as formas de circulação das notícias do exterior. Primeiramente, as agências internacionais de notícias contribuíram para a expansão de uma rede global de informações (THOMPSON, 1998). Em seguida, os jornais, em iniciativas isoladas ou em cooperação com outros veículos, passaram a investir em escritórios em outras cidades, distantes de suas sedes. Mas foi somente no século XIX que as redes de comunicação foram organizadas sistematicamente em escala global. “[...] Isso se deveu em parte ao desenvolvimento de novas tecnologias destinadas a dissociar a comunicação do transporte físico das mensagens” (THOMPSON, 1998, p. 137). O desenvolvimento desses novos meios expandiu grandemente a capacidade de transmitir informação através de longas distâncias de maneira flexível e instantânea.

No cenário contemporâneo, de aceleração nas trocas de informações em escala global, os meios de comunicação vêm exercendo grande influência nas diversas maneiras pelas quais podemos “ver” e imaginar o mundo. Desde a Guerra do Vietnã, que foi a primeira a ser televisionada, passando pela Guerra do Golfo e outros eventos desde então, a mídia vem contribuindo para o que Hannerz (2004) chamou de “empatia eletrônica” e, assim, para o crescimento de um cosmopolitismo passivo, que é definido pelo autor como uma orientação,

uma vontade de interagir com o outro, ou seja, uma abertura intelectual e estética em direção a experiências culturais divergentes.

O próprio conceito de notícia estrangeira é questionado por Hannerz (2004), por ser ambíguo: pode se referir a algo que tenha acabado de acontecer em outra região ou pode ser algo noticiável simplesmente porque nos é desconhecido, porque nós não nos deparamos com isso em nossa localidade. A decisão sobre as *hard news* (as notícias fortes, factuais, de grande atualidade), as *features* (notícias mais leves, amenas, sobre hábitos ou curiosidades) ou as chamadas “notícias de interesse humano” vai depender de posturas editoriais.

Ao longo do último século, as formas de cobertura do noticiário internacional sofreram profundas transformações. Conforme sintetiza Agnez (2014), podem ser citadas as seguintes maneiras:

- Correspondentes internacionais: figuras mais tradicionais, definidos pela presença de jornalistas residindo e fazendo a cobertura regular de fatos em outra cidade ou país que não o da sede do veículo;
- Enviados especiais: profissionais deslocados para outra cidade ou país para a cobertura pontual de um acontecimento;
- Stringers e freelancers: colaboradores não contratados pelos veículos de comunicação, mas remunerados por cobertura que venham a desenvolver;
- Agências internacionais: produtoras tradicionais de conteúdo informativo com as quais veículos de todo mundo trabalham em parceria, assinando o serviço;

- Jornalistas independentes: profissionais que, por conta própria, produzem e comercializam conteúdos jornalísticos;

- Contratação de “nativos”: veículos têm a opção de contratar pessoas de outros países para a produção de conteúdos jornalísticos de determinadas localidades;

- Compra de produções jornalísticas locais: veículos podem comprar e distribuir conteúdos específicos produzidos pela mídia de determinadas localidades;

- “Assinatura” de veículos internacionais: jornais brasileiros, por exemplo, podem ter o direito de publicar regularmente conteúdos de veículos internacionais, mediante contrato;

- Jornalismo cidadão: a forma mais temida pelos jornalistas profissionais, resume-se pela produção de conteúdos por cidadãos amadores de qualquer parte do mundo, transmitidos especialmente pela internet.

Diante do contexto global, interconectado e em rede, intensificado pelos fluxos de pessoas e mensagens, chama atenção o declínio no volume de notícias sobre o exterior em alguns países, mesmo no momento em que as pessoas têm uma maior oportunidade de conhecer, aprender e entender mais sobre o mundo.

No caso da Inglaterra, estudo realizado com os jornais *The Guardian*, *Daily Telegraph*, *Daily Mirror* e *Daily Mail*, comparando o volume de notícias internacionais, mostra que o percentual caiu em 40% entre 1979 e 2009, apesar do tamanho das edições terem aumentado (MOORE, 2010). O *The Guardian* triplicou de tamanho no período, o *Daily Mirror* dobrou, e os outros dois cresceram em mais de 80% no número de páginas. Isso no momento em que a

internacionalização é crescente e mais de cinco milhões de britânicos vivem em outros países. Segundo o autor, as agências internacionais e as publicações especializadas, como *Financial Times* e *The Economist*, pareceram ter percebido a importância do noticiário internacional e mantêm uma produção alta. Mas será que o interesse por esse tipo de informação será cada vez mais voltado para nichos e afastado das mídias de massa? Ainda não é possível saber.

Nos Estados Unidos, a cobertura internacional também está em declínio desde o fim da Segunda Guerra, por razões parecidas. De acordo com dados levantados por Williams (2011), em 1945 havia 2,5 mil correspondentes norte-americanos ao redor do mundo, tendo caído para 430 em 1970. Na década de 1980, algumas regiões, como a África, deixaram de ter profissionais fixos e, aos poucos, os jornalistas foram ficando cada vez menos tempo nos lugares. Desde então, embora tenhamos nos tornado tecnicamente capazes de ter cada vez mais informação com o avanço das tecnologias, corremos o risco de nos tornarmos menos informados, por cada vez menos pessoas (HARRISON, 1986 apud WILLIAMS, 2011).

Para Williams (2011), a redução do noticiário internacional, especialmente a partir da década de 1990, levanta a questão da extinção desse segmento ou editoria. Dentro do contexto de crise e de mudanças estruturais do jornalismo, a internet e as alterações nos modelos de negócio estariam tornando o jornalismo obsoleto, na visão dos mais pessimistas. No entanto, ao autor destaca que é necessário ampliar o olhar sobre um cenário mais complexo de transformações. Durante a

década de 1990, a agenda internacional e a discussão em torno das superpotências foram amplamente afetadas e novos atores entraram em cena nas relações internacionais. Williams (2011) afirma que os atentados de 11 de Setembro em Nova York voltaram a despertar certo interesse pelas notícias internacionais, o que não ocorria desde a Segunda Guerra Mundial (WILLIAMS, 2011).

O cenário financeiro, associado à introdução das tecnologias digitais na produção jornalística, afeta direta e especialmente o jornalismo internacional. Se por um lado ele demanda uma prática mais dispendiosa, por outro, possui um público mais restrito interessado nesse tipo de informação. Manter escritórios e correspondentes atuando em diferentes regiões do mundo tem alto custo, ao passo que as tecnologias digitais tornam o acesso mais prático e barato de informações, algumas vezes produzidas gratuitamente por cidadãos. A consequência disso, além da redução do número de correspondentes internacionais pelas empresas de mídia, é uma homogeneização crescente do noticiário, que se baseia nas mesmas fontes virtuais ou nas agências internacionais de notícias (WILLIAMS, 2011).

Ter uma produção autônoma de notícias internacionais, contando com correspondentes próprios, tornou-se um luxo. No Brasil, somente os grandes veículos de comunicação, concentrados nos principais centros econômicos do país, ainda contam com profissionais no exterior. As emissoras de televisão e rádio regionais fornecem pouco ou nenhum conteúdo internacional, e os jornais impressos regionais, ainda que mantenham a editoria intitulada “Mundo”, abastecem essencialmente com material extraído da

internet, comprado de agências nacionais, internacionais ou ainda públicas – que, neste último caso, fornecem conteúdo gratuito.

Associada a empresas capitalistas, a questão da produção de noticiário internacional precisa de alternativas economicamente viáveis. Ao relatar a queda do número de notícias estrangeiras em jornais britânicos, entre 1979 e 2009, Moore (2010) aponta algumas tendências para o futuro da cobertura internacional naquele país: alguns grandes grupos ainda deverão manter correspondentes no exterior, como a *BBC* ou o *Financial Times*, ainda que no formato de *stringers* ou *freelancers*. Ou ainda deverão se proliferar os jornalistas *one-man bureau*, ou seja, apoiados por um aparato tecnológico mais flexível e barato, farão sozinhos o trabalho de uma equipe. Os enviados especiais parecem ser uma alternativa para um número maior de veículos, que deverão manter o que ele chama de um “*SWAT team*” para cobrir os grandes eventos, como desastres e guerras. Alternativa é também a realização de parcerias com outras empresas para a troca de conteúdos, como por exemplo com as emissoras *Al Jazeera* e *France 24*.

Dados extraídos de realidades como a dos Estados Unidos e da Inglaterra, como a tendência apontada para o noticiário internacional nestes países, servem de referência, mas não explicam a realidade encontrada no Brasil. Em comum, estamos diante de um dilema: no momento em que o cenário internacional está cada vez mais interligado aos contextos nacionais, menos investimento esse tipo de jornalismo recebe por parte da mídia tradicional. Apesar de não haver dados concretos, o que percebemos por meio de relatos e

publicações especializadas (NATALI, 2004; SILVA, 2011) é a percepção desse enfraquecimento na cobertura nas últimas décadas. Para fortalecer o debate e levantar indicadores, a presente pesquisa analisa as editorias internacionais de dois dos maiores jornais brasileiros – *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S. Paulo* – num intervalo de 20 anos, compreendendo as análises nos anos de 1993 e 2013, conforme descrito a seguir.

Síntese dos procedimentos metodológicos

O levantamento foi realizado com base em análise de conteúdo e para observar as editorias que cobrem o contexto internacional nos jornais *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S. Paulo*.

A seleção do corpus se deu por meio de uma semana composta por dias intercalados, começando pela terça-feira, 5 de março de 2013, seguindo para a quarta-feira da semana seguinte, a quinta-feira da semana subsequente, até finalizar os sete dias de uma semana no dia 22 de abril de 2013. As edições das mesmas datas do ano de 1993 foram acessadas por meio do acervo digital¹ dos veículos, a fim de se estabelecer uma análise comparativa da produção num intervalo de 20 anos.

Tabela 1 - Seleção do corpus da análise de conteúdo

Dias analisados	1993	2013
05/03	Sexta-feira	Terça-feira
13/03	Sábado	Quarta-feira
21/03	Domingo	Quinta-feira
29/03	Segunda-feira	Sexta-feira
06/04	Terça-feira	Sábado
14/04	Quarta-feira	Domingo
22/04	Quinta-feira	Segunda-feira

Fonte: elaboração da autora.

Os dados foram categorizados a fim de identificar os seguintes aspectos: nome e localização da editoria; número de páginas; país citado na cobertura; quem assina os textos; agências de notícias que forneceram informações ou imagens; reprodução de conteúdo de veículos internacionais; formatos de conteúdo; abordagem (factual ou analítica); assuntos que foram capa da edição; perfil das fontes; e critérios de noticiabilidade.

Importante destacar que uma mesma notícia pode abranger mais de um país ou tratar de mais de um tema. Do mesmo modo, uma notícia pode apresentar mais de um valor-notícia, o que consideramos para fins desta análise. Para operacionalizar a análise acerca dos critérios de noticiabilidade, utilizamos a proposta de Silva (2005, p. 104-105), que categoriza os acontecimentos noticiáveis pelos seguintes valores-notícia: impacto; proeminência; conflito; entretenimento/curiosidade; polêmica; conhecimento/cultura; raridade; proximidade; surpresa; governo; tragédia/drama; justiça.

Conhecer parte do trabalho desenvolvido pela editoria internacional desses dois veículos brasileiros possibilitou um mergulho no universo de produção que os profissionais estão envolvidos, evidenciando algumas mudanças e permanências na abordagem do noticiário internacional.

¹Disponíveis em <http://acervo.folha.com.br/> e <http://acervo.estadao.com.br/>, respectivamente. Acesso em 5 de fevereiro de 2014.

Análise das editorias de internacional

A *Folha de S. Paulo (Folha)* é um jornal paulista editado desde 1921, inicialmente com o nome de *Folha da Noite*. Em 1945, após mudanças acionárias, o título se fundiu com as edições diurna e vespertina do mesmo grupo dando origem, enfim, à *Folha de S. Paulo*. A editoria internacional é denominada “Mundo” e surgiu no mesmo ano de fundação do jornal, sendo publicada diariamente. De acordo com o livro *Folha de S. Paulo Primeira Página: Uma Viagem Pela História do Brasil e do Mundo nas 223 Mais Importantes Capas da Folha Desde 1921*, publicado em 2006, 40% dessas principais capas se referem a notícias internacionais (BAHIA; RIGUEIRA, 2010). O jornal *O Estado de S. Paulo (Estadão)* foi criado em 1875 na capital paulista, ainda com o nome de *A Província de S. Paulo*. Após a proclamação da República, adotou o título pelo qual é conhecido até hoje. A editoria “Internacional” existe desde que o jornal foi criado.

Fabbri (2002) cita as principais manchetes que o jornal apresentou em sua trajetória e se pode destacar que várias delas foram de notícias referentes à editoria Internacional. De 76 manchetes listadas pelo autor, 40 são de Internacional. Já no livro *Páginas da História: uma coletânea das primeiras páginas do Estado nos seus 125 anos de história* (2000), 45% das

manchetes são de internacional (BAHIA; RIGUEIRA, 2010, p. 70-71).

Na Tabela 2 sintetizamos uma apresentação geral das duas editorias, num comparativo entre os dois períodos de tempo analisados, considerando a localização dentro do jornal, a extensão do espaço dedicado ao noticiário internacional, o volume de textos coletados na análise e, entre eles, quantos receberam chamadas de capa nas respectivas edições.

Em todo material coletado, identificamos quais os países foram citados na cobertura, considerando que um mesmo texto pode tratar de mais de uma região. Aqui, já é importante fazer uma ressalva: na semana composta de 2013, o período de análise abrangeu a fase de escolha do Papa Francisco. Na *Folha*, o tema foi trabalhado pela editoria “Mundo”, mas o *Estadão* fez a opção de cobrir o assunto pela editoria “Vida”, que abrange meio ambiente, ciência, educação, saúde e sociedade (o que inclui “religião”). Isso fez com o que a Itália e até mesmo o tema religião aparecesse de modo diferenciado entre os dois veículos. Por exemplo, a Itália foi mencionada em 18 textos coletados da *Folha* na semana composta de 2013, enquanto que nos do *Estadão* a referência aconteceu apenas cinco vezes. Apesar de proximidade (geográfica ou cultural) e de qualquer acontecimento mais destacado, os Estados Unidos pautaram a maior parte dos textos coletados nos dois jornais. Na semana composta de 2013, o país foi tema, sobretudo, por conta da agenda e pronunciamentos do presidente Barack Obama, e das relações com o Oriente Médio e a Coreia do Norte. Foram 17 referências feitas aos Estados Unidos pela *Folha* (o que equivale a 17,7% de todo material coletado) e 19 pelo *Estadão*

Tabela 2. Apresentação das editorias

	Folha		Estadão	
	2013	1993	2013	1993
Nome da editoria	Mundo	Mundo	Internacional	Internacional
Localização da editoria	Primeiro Caderno	Segundo Caderno	Primeiro Caderno	Primeiro Caderno
Tamanho da editoria	3 a 6 págs.	2 a 5 págs.	3 a 5 págs.	2 a 6 págs.
Tamanho mais recorrente	5 págs.	2 págs.	3 págs.	4 págs.
Total de textos coletados	96	148	98	101
Chamadas de Capa	11	7	13	11

Fonte: elaboração da autora.

(19,4%). No volume bruto, na semana composta de 1993, os Estados Unidos foram ainda mais noticiados (*Folha*: 38 notícias, 25,5%; *Estadão*: 28 notícias, 27,7%).

A diferença mais considerável está relacionada a três potências internacionais: França, Inglaterra e Rússia. Na semana composta de 1993, pouco tempo após o fim da Guerra Fria, os conflitos internos à ex-União Soviética indicavam o tom do noticiário internacional naquele momento. A crise do governo Ieltsin, principalmente, colocou a Rússia em evidência em 16 textos da *Folha* e 14 do *Estadão*. Enquanto que na semana composta de 2013, a *Folha* sequer fez qualquer cobertura dessa região e o *Estadão* dedicou apenas quatro textos a ela.

A queda em relação à França e à Inglaterra também foi acentuada. Na semana composta de 1993, o envolvimento da Inglaterra em conflitos internacionais e os bastidores da família real britânica foram alvo de 14 textos da *Folha*, contra apenas três no *Estadão*. Na semana composta de 2013, a cobertura da Inglaterra caiu para apenas uma notícia na *Folha* e cinco no *Estadão*, abrangendo temas relacionados à saúde da rainha e ao plebiscito feito na Argentina sobre as Ilhas Malvinas.

Já o enfraquecimento do Partido Socialista na França, sobretudo, fez com que o país fosse noticiado em 17 (*Folha*) e 14 (*Estadão*) textos na semana composta de 1993, enquanto que em 2013 o número caiu para dois e três, respectivamente, essencialmente com assuntos relativos ao forte inverno, que fechou aeroportos na Europa.

Dois países da América do Sul receberam destaque por conta de eleições presidenciais em 2013: Venezuela e

Paraguai. Neste ano, por exemplo, a *Folha* dedicou 11 textos à Venezuela e o *Estadão* sete, sendo que na coleta de 1993 o país foi citado apenas duas vezes pela *Folha* (sobre manifestações e a abertura do setor petrolífero) e nenhuma pelo *Estadão*. O mesmo observamos no caso do Paraguai: quatro (*Folha*) e cinco (*Estadão*) textos em 2013, e apenas um (*Folha*) na semana composta de 1993, sobre a indicação de uma das chapas à disputa presidencial.

Na semana composta de 2013, a vizinha Argentina também foi alvo de reportagens, tanto pela escolha do Papa argentino como pelo plebiscito envolvendo as Ilhas Malvinas e a disputa do território com a Inglaterra. Foram oito textos pela *Folha* e três pelo *Estadão*. Na semana composta de 1993, coletamos apenas dois textos pela *Folha* – notas relacionadas à inflação no país.

A Coreia do Norte também recebeu um relativo destaque entre os textos coletados na semana composta de 2013 (seis na *Folha* e dez no *Estadão*), todos relacionados à ameaça de um confronto com a Coreia do Sul e o uso de armas nucleares, enquanto que na semana composta de 1993 houve apenas um texto em cada jornal analisado, sobre a desistência do país de participar do acordo internacional antinuclear.

Outro país que registrou um aumento no interesse de cobertura foi o Irã: na semana composta de 1993, identificamos apenas uma notícia sobre o país, no *Estadão*, sobre uma mudança na moeda. Já na semana composta de 2013, foram quatro textos no *Estadão* e um na *Folha*. Neste último, uma reportagem de página inteira sobre um brasileiro que se tornou mulá islâmico no país, enquanto o *Estadão* deu destaque às relações internacionais, sobretudo no que dizia respeito ao uso de armas nucleares,

além de uma tentativa de processo contra a indústria cinematográfica de Hollywood.

A China foi noticiada com equilíbrio: seis (*Folha*) e quatro (*Estadão*) textos em 2013 e sete e quatro, respectivamente, na semana composta de 1993. Há 20 anos, os principais interesses da cobertura foram a escolha do primeiro ministro chinês, a transferência de soberania de Hong Kong dos ingleses para os chineses e algumas curiosidades, como hábitos alimentares. Na semana composta de 2013, os assuntos foram mais variados: a repressão à Coreia do Norte em relação ao uso de armas nucleares, terremoto, comportamento, relações com a Rússia e investimento em gastos militares.

Em 1993, a Guerra da Bósnia, iniciada em 1992 envolvendo a República Federal da Iugoslávia (Sérvia e Montenegro) e a Croácia, fez com que o país fosse noticiado em 12 (*Folha*) e nove (*Estadão*) textos naquele ano, e nenhuma vez entre o material coletado na semana composta de 2013.

Critérios de noticiabilidade

Ao aplicar a proposta de valores-notícia para operacionalização de análises (SILVA, 2005), identificamos que acontecimentos relacionados a governos são os que têm maior probabilidade de se tornarem notícia pelas editorias internacionais dos jornais analisados, seguido por acontecimentos relacionados a conflitos. A proeminência é outro fator importante, especialmente no que concerne à hierarquia dos personagens envolvidos (no geral, líderes e autoridades). Em 2013, o critério conhecimento/cultura, que de acordo com a classificação abrange acontecimentos relacionados à religião, teve uma maior recorrência no período pautado pela escolha do Papa

Francisco. Estes foram os critérios de noticiabilidade mais recorrentes em 2013, conforme apresentado na Tabela 3, em valores brutos. Impacto (*Folha*) e tragédia (*Estadão*) também foram destaques nas respectivas publicações.

Tabela 3. Valores-notícia aplicados ao corpus analisado

Valor-notícia	Folha		Estadão	
	2013	1993	2013	1993
Governo	40	36	30	49
Conflito	24	35	48	22
Proeminência	23	18	7	16
Conhecimento/Cultura	22	3	6	2
Tragédia/Drama	6	21	9	18
Impacto	10	39	2	7
Polêmica	5	19	3	17
Proximidade	6	3	2	1
Justiça	3	23	6	21
Raridade	5	13	3	5
Surpresa	1	5	4	-

Fonte: elaboração da autora.

Em contraponto, na semana composta de 1993, apesar de governo, conflito e proeminência também receberem grande importância, identificamos a presença de outros critérios. Impacto, por exemplo, foi localizado em 39 textos coletados da *Folha* na semana composta daquele ano. Tragédia, polêmica e justiça também representaram critérios importantes. Por fim, observamos que o quesito proximidade, ou seja, assuntos que tenham alguma proximidade geográfica ou cultural com o Brasil, teve uma maior relevância na *Folha* em 2013, mas a representatividade foi baixa no geral.

Produção jornalística

Um aspecto importante que esta análise nos traz é o reconhecimento de quem assina os textos da editoria de Internacional/Mundo. Na semana composta de 2013, a *Folha* apresentou o maior número de textos assinados por correspondentes ou enviados especiais (40,6%), ou seja, repórteres do veículo produzindo o material do exterior. Neste mesmo veículo, as agências de notícias

aparecem como responsáveis por 29% do material coletado.

A *Folha* foi também o jornal que apresentou o maior número de colunistas na seção (12,5% dos textos assinados) e o menor percentual (2,1%) de textos reproduzidos da imprensa internacional. Por fim, pouco mais de 7% dos textos não estavam assinados ou não informavam de onde foram extraídas as informações e 8,3% deles foram assinados (e assim identificados) por profissionais que produziram o conteúdo do Brasil (“de São Paulo”, por exemplo).

Ainda na semana composta de 2013, no *Estadão*, há um equilíbrio proporcional: 23,5% dos textos estavam assinados por correspondente ou enviados especiais do veículo; o mesmo percentual não estava assinado, portanto, sem identificação do autor ou da fonte de informação; 24,5% correspondem a informações identificadas como das agências internacionais; 26,5% são reproduções da imprensa estrangeira. Para completar, apenas 2% desse material foi assinado por colunistas.

Os números indicam uma mudança bastante significativa em relação ao encontrado no corpus de 20 anos antes. Na semana composta de 1993, 19,5% dos textos da *Folha* e 31,6% do *Estadão* estavam assinados por correspondentes internacionais. Em compensação, em 58,7% (*Folha*) e 60,4% (*Estadão*) do material não havia qualquer identificação de quem produziu as notícias. A *Folha*, em 16,2% dos textos, adotou a estratégia de identificar como “Das agências internacionais”, ao contrário do *Estadão*, que em nenhum caso fez essa advertência de modo explícito. Neste ano, um único artigo publicado em “Mundo” (*Folha*) foi

assinado por um profissional “Da equipe de articulistas”. Na semana composta de 1993, a *Folha* foi ainda o jornal que mais publicou textos traduzidos da imprensa estrangeira, com 13,5% do material, contra apenas 4% no caso do *Estadão*. Nos dois anos em questão, somente a *Folha* apresentou material assinado do Brasil e, no caso de 1993, os textos foram identificados, ao lado do nome do profissional, como “Do Banco de Dados”.

Também relacionada à produção jornalística, identificamos uma alteração no projeto editorial dos jornais analisados entre os dois períodos. Na semana composta de 1993, a editoria “Mundo” (*Folha*) publicava uma coluna fixa chamada, naquele momento, de “Multimídia”: tratava-se da reprodução de notas, manchetes, charges e infográficos que foram destaque na imprensa internacional. Deste modo, 45,2% das unidades de texto coletadas na *Folha* naquele ano correspondem a notas, 4% a charges e 2% a infográficos. Notícias e reportagens, neste caso, representaram 42,5% do material. Ainda em 1993, a *Folha* publicou quatro artigos na editoria, sendo um assinado por um articulista da própria equipe e os outros três traduzidos da imprensa internacional. Números bem diferentes do coletado na semana composta de 2013: 68,8% do material da *Folha* correspondem a notícias e reportagens, enquanto 13,5% a notas. Neste ano, identificamos ainda a publicação de quatro entrevistas pingue-pongue e um aumento no número de artigos publicados na editoria, para 12.

Já no *Estadão*, o movimento parece ter sido o inverso: na semana composta de 1993, 67,3% dos textos deste jornal

estavam no formato de notícias ou reportagens, ante 19,8% de notas. Nas edições de 2013, o jornal trouxe uma coluna diária chamada “Websfera”, dando destaque a pequenas notas que foram notícias em sites de veículos do mundo inteiro. Deste modo, as notas passaram a representar 45% do material coletado nos sete dias da análise, cabendo às notícias e reportagens 39%. Enquanto na semana composta de 1993 o *Estadão* publicou apenas um artigo em “Internacional”, 20 anos depois este número subiu para 14, na maioria artigos reproduzidos da imprensa estrangeira. Encontramos ainda, no ano de 2013, uma entrevista pingue-pongue (foram duas em 1993) e um perfil nessa editoria.

Em relação à produção de fotos publicadas em “Internacional/Mundo”, nos dois períodos ficou evidente a predominância de imagens fornecidas pelas agências internacionais *Reuters*, *Associated Press* e *France Press*. Na semana composta de 2013, a agência espanhola *EFE* também aparece nos créditos das imagens. Identificamos ainda cinco fotos assinadas pela *Folhapress* (2013) e duas pela *Folha Imagem* (ambas do *Grupo Folha*). Em um caso, em cada ano, a imagem foi creditada a algum jornal internacional: *The New York Times* pelo *Estadão* em 2013; *The Sun* pela *Folha* em 1993.

Seis imagens publicadas pelo *Estadão* na semana composta de 2013, e quatro pela *Folha* na semana composta de 1993, não apresentaram nenhum crédito. Na amostragem de 1993, ainda, dois retratos foram reproduzidos pelo *Estadão* em bico de pena. Mas a diferença mais considerável se deve a novos créditos apresentados nos materiais coletados em

2013: “Divulgação” (em dois textos da *Folha*, em referência a imagens cedidas); “Reprodução da web” (com imagens retiradas da internet ilustrando dois textos do *Estadão* e um da *Folha*); e uma fotografia publicada no *Estadão* assinada por um correspondente do próprio jornal.

Fontes e abordagens

Para finalizar, consideramos o tipo da abordagem realizada em cada texto coletado: se era factual, ou seja, atrelada a uma agenda de eventos ou fatos pontuais; ou se era uma informação mais trabalhada e atemporal, conhecida no jargão jornalístico como *feature*. No caso da editoria de internacional, ficou evidente o quanto a cobertura estava atrelada à agenda de eventos nos dois momentos observados. Dentro da diversidade de acontecimentos ao redor do mundo, fatos pontuais como eleições, conflitos e polêmicas, como vimos em relação aos critérios de noticiabilidade, exerceram uma grande influência. Ao mesmo tempo em que o noticiário internacional exige uma dose de contextualização e interpretação, para inserir os leitores distantes dos acontecimentos, o pouco espaço e o acelerado fluxo de informações das diferentes regiões tornam as notícias mais factuais.

No material colhido na *Folha* em 1993, 88,5% dos textos estavam caracterizados como *hard news*, ou seja, com forte apelo temporal e atrelada a fatos recentes. Esse percentual caiu um pouco em 2013, para 76%. Os dados são bem parecidos com os do *Estadão*: 81% em 1993 e 80,6% em 2013.

Como as agências internacionais respondem por grande parte do material publicado nessa editoria, elas produzem

uma quantidade de informações, do mundo inteiro, em proporções maiores do que a equipe de um jornal regional, isso de acordo com os acontecimentos. O espaço para o *feature* ou para a análise, a contextualização, dependerão de outros recursos. Nos dois períodos, observamos que cabia aos correspondentes internacionais ou enviados especiais dos próprios veículos a produção de reportagens especiais e ou textos opinativos, mais analíticos. Mas há diferenças.

No material analisado em 1993, os correspondentes pareciam ter um maior espaço para a análise. Era comum observar textos factuais assinados com material das agências e um texto complementar, de um correspondente, analisando o episódio ou contextualizando o fato. Um exemplo disso foi o texto assinado pelo jornalista William Waack, correspondente na Alemanha pelo *Estadão*, no dia 21 de março daquele ano. A reportagem principal foi “Yeltsin quer presidencialismo com base na lei soviética, diz assessor”, com informações da *Reuters* e da *France Press*. Abaixo, o repórter assinou o texto “Possibilidade de golpe parece real e iminente”, no qual analisou a crise no governo russo no formato opinativo.

Outro nome reconhecido do *Estadão* na década de 1990 foi do jornalista Paulo Francis, correspondente em Nova York. No dia 5 de março o jornal publicou uma reportagem, com base em informações da imprensa internacional, sobre a morte de civis na Guerra da Bósnia. Em paralelo, Francis assinou o texto “Clinton vai entregar a Bósnia a Sérvia”, no qual comentou, com ironia e contextualização, a campanha eleitoral

do então candidato à presidência dos Estados Unidos e a promessa de o mesmo intervir no conflito.

Na *Folha*, o processo era parecido, como no texto assinado por João Batista Natali no dia 29 de março de 1993. Em “Socialistas começam a ‘travessia do deserto’”, o correspondente comentava, da França, a derrota do Partido Socialista nas eleições. A reportagem principal foi assinada pelas agências internacionais, com os títulos “Esquerda é guilhotinada no 2º turno da França” e “PS tem sua cúpula decepada”.

Percentualmente, o *Estadão* apresentou mais textos assinados por correspondentes ou enviados especiais em 1993; no caso da *Folha* foi o contrário. Neste último, o número de textos assinados por profissionais próprios dobrou de 1993 para 2013. É necessário considerar que, no período analisado em 2013, houve o episódio de eleição de um novo Papa, o que fez com que os veículos deslocassem jornalistas para cobrir o evento.

Foi possível observar que os correspondentes, em 2013, assinam mais reportagens factuais, mesmo que o acontecimento receba cobertura das agências internacionais. É o caso da notícia “Em visita, Obama reafirma aliança ‘eterna’ com Israel”, publicada pela *Folha* no dia 21 de março de 2013 e assinada pelo correspondente em Israel, Diogo Bercito. O texto é pontual e objetivo e tem por base informações oficiais e declarações públicas das autoridades. O mesmo observamos no texto “Bersani dá ultimato por coalizão e Itália se aproxima de novas eleições”, assinado pelo correspondente Andrei Netto, da Itália, para o *Estadão*. A

notícia traz declarações oficiais e dados divulgados pela *Reuters*.

Outra constatação, ao analisar todo o material, é a de que os correspondentes em 1993 exerciam mais o gênero opinativo, em textos no qual expressavam a avaliação, às vezes com ironia e adjetivação, mas destacando o olhar estrangeiro, de quem estava no local. Na atualidade isso é pouco comum, os correspondentes continuam assinando uma parcela considerável das notícias publicadas na editoria de internacional, porém no gênero informativo, na maioria guiados pelo *hard news*.

Contudo, havia espaço para o *feature* em 2013. Muitas vezes, com base em um gancho factual, mas com uma abordagem em profundidade ou apresentando outros ângulos do acontecimento. Um exemplo foi a reportagem “Brasilguaiois esperam fim da era de invasões”, publicada pelo *Estadão* no dia 22 de abril de 2013 e assinada pelo enviado especial Roberto Simon. O texto tem como pano de fundo as eleições presidenciais no Paraguai, mas traz uma reportagem especial em torno da realidade de brasileiros que vivem na área da fronteira. Outro caso que se destacou foi a reportagem “Mulá à brasileira”, de Samy Adghirni, publicada na *Folha* de 13 de março de 2013: como único jornal brasileiro a ter um correspondente no Irã, a notícia do primeiro brasileiro a se tornar um clérigo xiita foi destaque de página inteira na editoria.

Ao reconhecer as diferenças de abordagens entre os dois períodos analisados, buscamos identificar quais foram as principais fontes citadas ou que forneceram informações para os textos coletados. As principais fontes de

informações nos dois veículos foram as consideradas “oficiais”, sobretudo por meio de pronunciamentos ou comunicados oficiais de presidentes, primeiros-ministros, autoridades, candidatos e líderes religiosos. Essas são fontes raramente ouvidas diretamente por um repórter, seja no Brasil ou no exterior. Por meio de porta-vozes ou anúncios oficiais, são falas proferidas em encontros ou reuniões. Em 1993, 16% dos textos coletados da *Folha* contavam com esse tipo de fonte e no *Estadão* esse dado foi de 25,7%. Em contrapartida, em 2013, o volume foi de 33% na *Folha* e 28% no *Estadão*.

Destaca-se a quantidade de textos que se referem à imprensa internacional, ou seja, que comentam aparições em canais de televisão locais, rádios ou agências governamentais ou, até mesmo, o que a mídia impressa de determinado país está publicando sobre o assunto em questão. No material coletado em 2013, 14,5% (*Folha*) e 11,2% (*Estadão*) faziam esse tipo de citação. Vinte anos antes, esse número foi menor na *Folha* (6,7%), porém foi mais que o dobro no *Estadão* (27,7%).

Sobre as fontes diretas, aquelas ouvidas pela própria reportagem, dividimos em dois grupos: o de cidadãos e fontes envolvidas, que abrange testemunhas ou pessoas ligadas diretamente aos fatos; e o de especialistas, recorrentes para fazer análises no noticiário internacional, tais como cientistas políticos, sociólogos e economistas. Estes dois grupos apareceram em proporções diferenciadas, em ambos os jornais, na semana composta do ano de 2013:

a) Cidadãos e pessoas envolvidas: 21,8% (2013) e 2,7% (1993) na *Folha*; 15,3% (2013) e 4% (1993) no *Estadão*;

b) Especialistas: 9,3% (2013) e 4% (1993) na *Folha*; 5% (2013) e 25% (1993) no *Estadão*.

Na semana composta de 1993, encontramos um fato curioso: correspondentes dos próprios jornais sendo citados como fontes em reportagens. Foi o caso da notícia “CE acena com mercado livre para a Rússia”, publicada no dia 6 de abril no *Estadão*, sem que ninguém assinasse. No quarto parágrafo, a seguinte referência: “Segundo observa o correspondente em Paris, Reali Júnior, o pacote de ajuda oferecido pelos EUA [...]”. Situação parecida também ocorreu na *Folha*, no dia 5 de março de 1993, no texto “Barclays tem primeira perda em 300 anos”. A fonte da notícia de balanço negativo do banco apareceu como “informa Leão Serva, de Londres”. Por que os próprios correspondentes não assinaram as notícias? Seria necessário investigar o modo de produção dessas edições, mas é possível que a informação tenha sido complementada pelos jornalistas para a equipe da redação, por telefone, por exemplo.

Já na semana composta de 2013, uma nova fonte de informações chamou atenção: as referências feitas a redes sociais, de declarações ou informações tiradas deste espaço. No dia 6 de abril deste ano, por exemplo, a notícia “BNDES dará novo empréstimo à Venezuela”, cita uma declaração feita pelo candidato à presidência da Venezuela, Henrique Capriles: “No Twitter, disse ter recebido mensagens de oficiais se queixando de ter de participar de um ato com Maduro”. Houve ainda outros casos, neste período, repercutido

pelos dois jornais, como a prisão do suspeito do atentado na Maratona de Boston anunciada pela Polícia de Boston pelo Twitter; e um músico argentino que comentou, pelo Facebook, a gafe cometida pelo presidente do Uruguai numa declaração flagrada sobre a presidente da Argentina.

Considerações finais

Este levantamento nos mostra que não houve uma redução considerável do noticiário internacional nas últimas décadas, ao menos sob o aspecto mais objetivo, que é a quantidade de páginas dedicadas à editoria. Na *Folha*, a quantidade de páginas parece maior na semana composta de 2013, entretanto o número de textos coletados foi maior em 1993. Isto se deve ao fato de que, na semana composta de 1993, o jornal publicava uma coluna de notas e charges que somaram como “unidades de texto” coletadas.

Sobre os países mais citados, os Estados Unidos continuam sendo a “pedra no sapato” do noticiário internacional, como disse Natali (2004), contudo identificamos uma pequena queda da participação deste país nas notícias de 2013 comparada às de 1993, nos dois jornais analisados. Por uma mudança global mais geral, é nítida a queda também, mas de modo mais significativo, de participação de países como Rússia, França e Inglaterra. Em outra medida, por motivos diversos, países sulamericanos, como Argentina, Venezuela e Paraguai, além de Coreia do Norte e Irã se tornaram mais presentes. Sobre as temáticas, política continua dominando o noticiário internacional,

e os critérios de noticiabilidade mais recorrentes podem ser enquadrados nesta temática, como governo, conflito e proeminência dos atores envolvidos.

Sob o aspecto da rotina produtiva e das formas de cobertura do noticiário internacional, é importante a questão de quem assina os textos da editoria. O número de material assinado por correspondentes ou enviados especiais dobrou na *Folha* na semana composta de 1993 para a semana composta de 2013. Em compensação, no *Estadão*, caiu oito páginas. As agências assinam textos com bem mais frequência em 2013, no entanto, parece ser uma questão de política editorial, no sentido do jornal decidir colocar ou não o crédito. Em 1993, nos dois jornais, havia um número significativamente maior de textos sem qualquer assinatura.

Se o espaço para opinião dos repórteres caiu, a *Folha* aumentou o espaço para articulistas assinarem colunas na editoria de internacional. Por outro lado, caiu em 11 páginas o número de textos traduzidos da imprensa internacional pela *Folha*, enquanto este mesmo dado cresceu 22 páginas no *Estadão*.

Por fim, alguns aspectos mais pontuais chamaram a atenção no que diz respeito a tecnologias. Primeiro foi o fato da *Folha* publicar, em 1993, uma coluna intitulada *Multimídia*, que nada tinha a ver com a tecnologia digital, mas sim

com a publicação de notas com o que saía na imprensa internacional, além de publicar outros formatos, como charges e infográficos. Enquanto que, em 2013, o *Estadão* publicava uma coluna denominada *Websfera*, divulgando os principais temas abordados pela imprensa internacional na internet.

Em relação às fontes, duas últimas observações. Primeiro, o fato de encontrarmos, na semana composta de 1993, reportagens que citavam o próprio correspondente como fonte. Os textos, neste caso, não eram assinados pelos correspondentes, o que nos leva a supor que as informações foram passadas para redatores. As barreiras tecnológicas naquele momento para o envio do material produzido, num curto espaço de tempo, poderiam ter propiciado isso. E, segundo, o uso de declarações feitas em redes sociais, já na semana composta de 2013, como fontes para as reportagens, numa clara presença das tecnologias digitais na prática jornalística contemporânea.

O levantamento quantitativo teve por objetivo a produção de indicadores que sinalizem possíveis mudanças e/ou permanências na cobertura do noticiário internacional por parte da imprensa brasileira. Entretanto, análises qualitativas e em profundidade podem esclarecer alguns pontos, tornando-se este um ponto de partida.

Referências bibliográficas

AGNEZ, L. F. **Identidade profissional no jornalismo brasileiro**: a carreira dos correspondentes internacionais. (Tese de Doutorado) Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, 2014.

BAHIA, A. L. A.; RIGUEIRA, M. R. C. e. **Internet e reconfiguração da prática jornalística**: a editoria internacional nos jornais Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e em seus respectivos portais. Universidade Fumec, 2010. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-jornalismo_bahia.pdf. Acesso em: 05 de março de 2014.

BRITTO, D. F. O papel do correspondente internacional na editoria exterior. In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...** Porto Alegre, 2004.

HANNERZ, U. **Foreign news**. Exploring the world of foreign correspondents. Chicago: The University of Chicago, 2004.

LOS MONTEROS, G. G. E. de. Periodismo Internacional, Corresponsales y Testimonios sobre el Extranjero. **Foro Internacional**, nº 152-153, Cidade do México: Hemeroteca Virtual/UNAM, 1998.

MOORE, M. **Shrinking World**. The decline of international reporting in the British press. Media Standards Trust, 2010.

NATALI, J. B. **Jornalismo Internacional**. São Paulo: Contexto, 2004.

SILVA, C. E. L. da. **Correspondente internacional**. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, G. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, vol. II, nº 1, 1º semestre de 2005.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**. Uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

UTZERI, F. Do outro lado do mundo. In: RITO, L.; ARAÚJO, M. E.; ALMEIDA, C. J. M. de. **Imprensa ao vivo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, pp. 145 - 162.

WILLIAMS, K. **International journalism**. London: Sage, 2011. de partida.

Estudos em Jornalismo e Mídia está sob a licença Creative Commons 2.5